

RABISCOS DE UM ESCRIVINADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no *Correio Popular*, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram divulgadas).

110. UMA PRECIOSA COROGRAFIA MINEIRA

Raimundo José da Cunha Matos nasceu em Faro, Portugal, a 2 de setembro de 1776 e faleceu no Rio de Janeiro a 2 de março de 1839, no elevado posto de marechal-de-campo. Ingressou na vida militar ainda bastante jovem, servindo em Portugal, na África e nas ilhas de São Tomé e Príncipe. “Os árduos trabalhos que desempenhou por largos anos pelas plagas africanas ocidentais — diz Sacramento Blake — levaram-no igualmente a investigar a história e a geografia dos lugares que percorria e não lhe quebrantaram as forças, nem enfraqueceram sua atividade inexcédível”.

Achando-se no Rio de Janeiro em 1817, tomou parte na expedição que foi a Pernambuco para combater a revolução que ali estalara. Exerceu, a seguir, o cargo de vice-diretor do Arsenal do Exército, na Corte, e de comandante de armas na Província de Goiás, cargo que deixou a fim de representar aquela província na Câmara dos Deputados. Na qualidade de brigadeiro, marchou logo depois para o Rio Grande do Sul, onde serviu às ordens do Marquês de Barbacena, na Campanha da Cisplatina. Terminada esta desastrosa guerra, foi nomeado comandante da Academia Militar do Rio de Janeiro, depois de realizada uma curta viagem à Europa.

Sua grande vocação para a pesquisa histórica (“um dos inovadores brasileiros no campo da periodização”, diz José Honório Rodrigues) levou-o a ser um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838. Infelizmente não teve muita oportunidade de colaborar com o grupo inicial da benemérita entidade fundada sob os auspícios de D. Pedro II, pois a morte o colheu logo no ano seguinte. Todavia, muitos dos seus trabalhos, que deixou inéditos, foram posteriormente publicados pela revista do Instituto. Mas muita coisa permanece ainda por publicar-se, das trinta e tantas monografias, algumas bem volumosas, que elaborou.

O objetivo desta nota é precisamente registrar que uma de suas obras mais importantes, talvez mesmo a peça principal de sua bibliografia, a **Corografia Histórica da Província de Minas Gerais**, escrita em 1837, mereceu duas edições a curto intervalo, a primeira pelo Arquivo Público Mineiro, e a segunda (fac-similar da primeira) pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, datadas, respectivamente, de 1979 e 1981. Trata-se de um valioso repositório de informações sobre a referida província, fonte indispensável para todos aqueles que pretendam investigar a história de Minas Gerais. À primeira vista poderá parecer estranha a publicação, em breve lapso de tempo, dessas duas edições. Mas devemos considerar que a edição do Arquivo não teve caráter comercial, de distribuição restrita portanto, enquanto que a outra encontra-se nas livrarias à disposição dos interessados. (18-4-1984).

*

111. TREM DA CULTURA

Notícia de Porto Alegre informou-nos, há pouco tempo, de algo bastante curioso e ao mesmo tempo significativo: a instituição pelo governo do Estado, em colaboração com a Rede Ferroviária Federal, de um “Trem da Cultura”, que, desta vez, fará uma longa viagem, da Capital até Uruguaiana, o que representa atravessar todo o território gaúcho e, ainda, percorrer as cidades da região missioneira que continuam servidas por ferrovia.

Compõe-se o trem de seis vagões adaptados para o transporte e exposição de precioso material de diversas instituições culturais do Estado relativo às regiões que deverão ser percorridas. Poderão ser vistos documentos do Arquivo do Estado, obras importantes da Biblioteca Estadual, jornais e numerosas outras peças de interesse para o conhecimento dos locais visitados, beneficiando, assim, a numerosas pessoas que talvez não tenham possibilidade de uma viagem à Capital para visitar as instituições onde tais peças permanecem depositadas. Os vagões são adaptados para exposição, com vitrinas bastante seguras e explicações bastante didáticas das peças exibidas. Enfim, uma espécie de arquivo ambulante... Mais ainda: durante a permanência do “Trem da Cultura” em cada cidade, serão realizadas diversas programações culturais (palestras, aulas especiais, exibição de filmes) e até atividades musicais, de maneira que interesse a rede escolar da localidade.

Ao ler a notícia, pensei logo no meu caríssimo amigo José Sebastião Witter, diretor do Arquivo do Estado de São Paulo, com intenção de levar-lhe a sugestão para estudar coisa semelhante para o nosso Estado, pois sei quanto ele vem procurando dinamizar a entidade que

dirige, tornando-a cada vez mais presente na vida da Capital e também na do Interior. Aparentemente, não vejo dificuldade para que se faça em São Paulo o que os gaúchos vêm fazendo em seu Estado. A notícia que me sugeriu esta nota informou, ainda, que no ano passado, percorrendo outra região, o "Trem da Cultura" foi visitado por oitenta mil pessoas ! Vejam os leitores: oitenta mil pessoas que provavelmente nunca tiveram oportunidade de visitar um arquivo, tomaram conhecimento da preciosa documentação que lhes foi mostrada, certamente com explicações de pessoal habilitado para o ofício.

Um trem-arquivo que percorra algumas das regiões bem individualizadas, historicamente, de nosso Estado, levando aos seus moradores um pouco da sua história, seria, sem dúvida, acontecimento cultural de alta significação. Aqui fica o exemplo gaúcho e, melhor ainda, a sugestão para algo que também se possa fazer com a história paulista. (13-6-1984.)

*

112. ORLANDO FERRAZ

Número recente de jornal evangélico que se edita em São Paulo, trouxe-me a notícia infausta no falecimento na cidade paulista de Laranjal, onde passara a residir depois de aposentado, do reverendo Orlando Ferraz, não apenas uma ínclita figura de pastor evangélico, mas, inegavelmente, uma das maiores figuras do protestantismo brasileiro. E nome bastante vinculado a Campinas, pois em nossa cidade viveu quase trinta anos, como pastor da Igreja Presbiteriana Independente, da Rua Lusitana. Antes de fixar-se, e por tanto tempo, em Campinas, pastoreou igrejas do Sul de Minas e do Oeste de São Paulo, como, entre outras, a de Bauru, que foi onde, menino ainda, o conheci e onde sua esposa, dona Brasília, que o precedeu de pouco na "última viagem", ensinou-me a ler. Nada mais precisaria dizer para demonstrar o afeto em que os tinha, embora contingências da vida fizessem com que nos perdêssemos de vista. Orlando Ferraz, depois de Campinas, residiu por muito tempo em Osasco e em Laranjal, de onde o Senhor o chamou, depois de provecta e utilíssima existência, pois chegou aos 95 anos.

Sua comunidade evangélica era a Igreja Presbiteriana Independente, histórica denominação, pois resultou de um movimento de cisão da Igreja Presbiteriana, em 1903, tornando-se a primeira comunidade protestante brasileira inteiramente desvinculada das missões norte-americanas.

Aliás, pertencia Orlando Ferraz a uma família de pastores. Já seu pai, Belarmino Ferraz, que bastante conheci nos meus tempos de

menino e de adolescente, foi pioneiro do protestantismo em certas áreas do Oeste paulista, verdadeira fortaleza que, em idade já bastante avançada, empreendia longas viagens pelo sertão, em muitas das quais acompanhou-o meu pai, também experimentado sertanista. Foi seu irmão, também pastor, D. Salomão Ferraz, que principiou sua trajetória religiosa na Igreja Presbiteriana, transferindo-se depois para a Episcopal e aderindo posteriormente ao movimento do Bispo de Maura pela criação de uma Igreja Católica Brasileira. Desligou-se então da Igreja Anglicana e recebeu a sagração episcopal das mãos do antigo Bispo de Botucatu. Nos seus últimos anos de vida, foi admitido na Igreja Católica Romana, que reconheceu sua sagração e no seio desta Igreja terminou seus dias. Figura interessantíssima, que merece um estudo e do qual já me ocupei nesta mesma folha por ocasião de seu centenário, em 1980 (Vide NBH, nº 99, p. 131). Outro seu irmão, também pastor (e ainda médico), Dr. Seth Ferraz, foi pároco por quase meio século de uma igreja, da mesma comunidade Independente, no Brás, em São Paulo.

Esta nota de respeito e saudade, visa apenas à lembrança de um nome tão vinculado a Campinas, como de tantos outros pastores o foram. (18-7-1984.)

*

113. AMORES PELO BEXIGA

Não deixa de ser curioso que a professora Célia Toledo Lucena se tenha tomado de amores pelo Bixiga (ou Bexiga), o simpático bairro paulistano, dos poucos que ainda se não descaracterizaram de todo. Não sendo de origem italiana, nem sequer da própria cidade de São Paulo, Célia Toledo Lucena faz crer aos que a lerem numa profunda identificação com o bairro onde circunstancialmente foi morar quando, por deveres profissionais, precisou residir na grande metrópole. Ela veio do Oeste de São Paulo a fim de realizar estudos de História em nossa Universidade Católica, onde tive o prazer de tê-la como aluna durante os quatro anos do curso. Tuso fazia supor, naquele momento, que ela se tornaria uma excelente professora (como acredito se tenha tornado), mas nada fazia supor viesse a se tornar a excelente pesquisadora que seu Bixiga, **amore mio** ! revelou.

Num entendimento bem polibiano da História, a autora se enamorou do bairro onde foi residir e cuja história quis escrever. Esta é uma das condições para alguém poder considerar-se um historiador de verdade. De pouco valem os arquivos, os documentos, os mapas, os planos corretamente elaborados, as entrevistas, os depoimentos, os jornais antigos, a mais rica bibliografia (que tudo isto foi utilizado), se, ao manipulá-los, o

autor não puser a sua alma, o seu amor, a sua “garra”, como modernamente se diz. Que seu livro tem amor, prova-o o título que lhe deu; que tem carinho, prova-o a maneira como utilizou o material de que dispôs; que tem “garra”, prova-o o entusiasmo com que o elaborou. E coroando tudo, esta nota extremamente simpática que há de passar despercebida a muitos leitores: ao dedicar o livro, “com muito amor e carinho” aos seus dois filhinhos, faz questão de declarar que eles nasceram no Bexiga... Não sei se algum bexiguense de várias gerações sentiria melhor o simpático bairro.

Há, ainda, outro pormenor: seu livro já produziu um “filhote”, um “Bixiguinha”, incluído na prestigiosa coleção “Tudo é História”, da Editora Brasiliense. Dada a penetração, em todo o País, dessa coleção, não só a autora se tornou um nome nacional, como o bairro deixou de ser apenas paulistano, para ser conhecido no Brasil, através de uma análise social e morfológica muito bem-feita, que vem de certa forma complementar o **Bixiga, amore mio!**

Valiosas e bem conduzidas as entrevistas com atores de nosso teatro, pois a atividade teatral vem sendo, de há muito, uma das características do Bixiga, desde que ali, na década de 40, instalou-se o antigo Teatro Brasileiro de Comédia. Mas não só o teatro; também o lazer nas suas formas mais variadas, traduzindo, mais que as atividades econômicas, a “alma” do bairro, este sentimento que todos procuram preservar para a guarda da memória do próprio Bexiga. Seu livro ainda vai me propiciar outro comentário. (20-6-1984.)

*

114. A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DE UM BAIRRO

Quando, há quase trinta anos, publiquei meu pequeno livro sobre a cidade de São Paulo no século XIX, procurei dar ênfase especial (como, aliás, não poderia deixar de o fazer) ao surgimento de importantes bairros da grande cidade, muitos deles originados de antigas chácaras que foram retalhadas. Caso, por exemplo, entre tantos outros, de Santa Cecília, Higienópolis, Perdizes, Campos Elíseos, Vila Buarque, que foram os de que mais cuidei. Um jornalista que teve a gentileza de apreciar de maneira muito simpática meu modesto trabalho, indagou se não seria interessante escrever-se a história dos bairros de São Paulo. Nada havia até então, específico, sobre o assunto. Dispunha-se de uma valiosa bibliografia sobre o passado da cidade, mas praticamente nada sobre os bairros propriamente ditos.

Se a pergunta foi boa, a resposta foi ainda melhor. E esta resposta foi dada pelo Departamento de Cultura da municipalidade que,

em boa hora, começou a publicar uma série de monografias precisamente sobre o que era reclamado: a história dos bairros da cidade de São Paulo. Série que já conta com mais de vinte volumes, sendo os três últimos, aparecidos no ano passado, sobre Aclimação, Jardim América e Perdizes. É interessante observar que tais monografias são resultantes de concursos instituídos pela municipalidade, o que significa real interesse, diria mesmo verdadeira conscientização em torno da importância da história e evolução dos bairros, como elementos fundamentais para a compreensão da grande cidade tentacular que se tornou São Paulo.

O livro da Professora Célia Toledo Lucena, a que fiz referência em nota anterior, não pertence à série do Departamento de Cultura. Mas, sem menosprezo para qualquer dos livros que nela se inserem, **Bixiga, amore mio!**, menos acadêmico e menos convencional, talvez atenda mais ao que a autora pretendeu: preservar a memória do bairro. Por isto mesmo, ela o dedica aos “companheiros fiéis à preservação das memórias do Bixiga, com esperança”. Esperança não só de que ele se não descaracterize completamente, como, também, esperança de que o exemplo do Bixiga possa ser imitado por outros bairros.

A criação do “Museu Memória do Bixiga”, com o qual a professora Célia tem trabalhado, teve por finalidade não só despertar a curiosidade pelo bairro, mas cultivar a preservação arquitetônica sendo um incentivo à memória histórica, como o afirmou seu presidente Armando Puglisi ao prefaciar o livro, lembrando, ainda, que o museu “extrapola seu ambiente físico, pois é o próprio bairro”. (27-6-1984.)

*

115. FERNAND BRAUDEL NA ACADEMIA FRANCESA

Os que frequentaram o curso de História da Universidade de São Paulo, nos seus primeiros anos, de 1935 a 1937 (entre os quais o autor destas linhas) certamente encheram-se de júbilo com notícia publicada há pouco mais de um mês pelos jornais de São Paulo: a da eleição para a Academia Francesa, do professor Fernand Braudel, integrante de uma das primeiras missões de professores franceses contratadas para a recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Três anos permaneceu Braudel entre nós, e dificilmente quem com ele conviveu poderá esquecer suas maravilhosas aulas, verdadeiras conferências, com as quais procurava nos iniciar na senda da cultura histórica em nível superior. O que todos nós, na realidade, lamentamos, é que não estivéssemos, ainda, àquela altura de nossas vidas, em condições de maior aproveitamento das lições do grande mestre.

Retirando-se do Brasil a fim de prosseguir sua carreira universitária na Europa, teve-a interrompida pela catástrofe da Segunda Guerra Mundial, da qual, como bom francês, não deixou de participar, sofrendo, inclusive, os horrores de um campo de concentração. Mas, terminada a conflagração, retornou à sua Universidade e aos seus estudos, preparando, para o doutorado, a obra, que, transformada em livro, tornou-se um dos marcos da historiografia francesa deste século: **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo no tempo de Filipe II**. Diretor da revista **Annales**, tornou-se Braudel, com o tempo, o maior dos historiadores franceses. Aliás, não seria difícil, para os que o conheceram de perto, prever-lhe o brilhante futuro.

A notícia do jornal, a que estou fazendo referência, um tanto maliciosamente, chega a afirmar que a Academia Francesa, elegendo Braudel, como que se redimiui da sua obstinação em eleger, de tempos em tempos, “nulidades literárias”. Deu-se ao luxo, agora, de receber verdadeiros escritores... E lembra que, pouco antes, outro grande expoente da cultura francesa também fora admitido à Academia: Lévi-Strauss, etnólogo, mestre do estruturalismo, e que também integrou a missão de professores franceses em São Paulo na mesma época de Braudel. Tive, também, bom relacionamento com Lévi-Strauss, futuro autor dos **Tristes Trópicos**, inclusive servindo-lhe de “cicerone” numa inesquecível visita a Campinas. Encantou-se ele com a nossa Catedral, com a antiga Fazenda Chapadão, onde dias antes estivera Stefan Zweig, e com outras visitas que lhe foi dado fazer. Em nossa Escola Normal, onde proferiu conferência, foi recebido e saudado pelo nosso querido Néelson Omega.

É profundamente significativo que dois antigos professores da Universidade de São Paulo integrem, hoje, a mais famosa Academia do Mundo. (11-7-1984.)

*

116. SUPERSTIÇÃO PAULISTA QUE DESAPARECEU

Em dois artigos publicados há quase meio século na **Revista da Academia Paulista de Letras** (n.ºs 2 e 5, respectivamente de março de 1938 e março de 1939), Afonso de Taunay tratou de uma “superstição paulista de origem alcacerkibiana”, com subsídios interessantes para o folclore paulista, que é sempre grato recordar nesta época do ano. A superstição a que se refere o título do primeiro artigo consistia em considerar-se dia nefasto a primeira segunda-feira de agosto, vinculando-o ao desastre sofrido nos fins do século XVI, no norte da África, pelos portugueses, e no qual perdeu a vida o rei D. Sebastião. A idéia da superstição lhe foi transmitida por Martim Francisco (o terceiro), que lhe

contou numerosos casos de desastres ocorridos, especialmente com caçadores, por não atentarem para o caráter aziago da primeira segunda-feira de agosto. Mas o grande Andrada nada lhe soube informar acerca da origem da superstição.

Em seus artigos (reproduzidos posteriormente no livro **Amador Bueno e outros ensaios**, de 1945),*o ilustre historiador relata como procedeu às pesquisas que lhe trouxeram a convicção da origem alcacerkibiana da crença que encontrou disseminada em São Paulo, principalmente na zona rural, lá pelo princípio do século. Crença que mestre Taunay informa jamais ter ouvido no Rio de Janeiro, onde viveu quase trinta anos, antes de transferir-se para São Paulo. Seria assim, e ainda no dizer do grande historiador, simplesmente um resquício, provavelmente o último, do sebastianismo no Brasil.

O estranho, a ser de fato um resquício de sebastianismo, é que tal crença não fosse encontrada no Rio de Janeiro, onde a influência lusitana foi sempre muito mais acentuada que em São Paulo. Que o sebastianismo deitou raízes maléficas no Brasil, é fato mais que sabido. Não precisaríamos de outro exemplo além do que ocorreu na Pedra Bonita, nos sertões de Pernambuco, na época da Regência.

O fato de a terrível batalha de Alcacer-el-Kibir, que sacrificou a independência de Portugal com a morte de D. Sebastião, último rei da dinastia de Avis, ter sido travada na primeira segunda-feira de agosto (dia 4) do ano de 1578, pode ter, sem problemas, influído na crença de azar para esse dia tão nefasto a todos os portugueses. Mas, por que a superstição não aparece nas crônicas do período colonial, quando, com mais razão, deveria ser corrente ? Ou talvez apareça e nunca tenha sido pesquisada ? Eis um problema a desafiar os estudiosos do folclore, especialmente por se considerar que a superstição desapareceu de todo, as novas gerações dela nem tendo conhecimento, não fora os escritos de mestre Taunay. (1-8-1984)

*

117. REEDIÇÃO DE PERIÓDICOS

O último número do precioso **Boletim Histórico e Informativo**, editado trimestralmente pelo Arquivo do Estado, estampou valioso trabalho da professora Ana Maria de Almeida Camargo, diretora do Arquivo Público de Rio Claro, sobre a reedição de periódicos antigos do Brasil. Nele, quarenta e dois títulos são arrolados, com pequenos mas suficientes comentários. Embora date de 1930 a primeira iniciativa de reedição de periódicos no Brasil (quatro jornais gaúchos da época da

“Farroupilha”), só recentemente vem sendo praticada “uma política sistemática de preservação da memória hemerográfica brasileira”, informa a autora. À atuação de instituições culturais conscientes da importância de divulgar documentos de difícil acesso ao pesquisador soma-se a do Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, responsável pela reunião de número considerável de jornais e revistas até então dispersos em bibliotecas públicas e particulares.

Entre os periódicos reeditados e arrolados no artigo que sugeriu esta nota, figuram muitos do mais alto interesse, como **O Tamoyo** e **A Malagueta**, da época da Independência; **O Progresso**, da época da Revolução Praieira; **O Carapuceiro**, do Padre Lopes Gama; o **19 de Dezembro**, primeiro jornal do Paraná; e ainda diversas revistas de interesse para a história do Modernismo: **Estética**, **Festa**, **Klaxon**, **A Revista**, **Revista de Antropofagia**, **Verde**, **Terra Roxa** e **outras terras**, ou revistas de interesse para o estudo do Romantismo, como **Nitheroy** e **Revista da Sociedade Philomatica**. Acrescentem-se a estes títulos três outros editados pelo próprio Arquivo do Estado: **O Polichinelo**, **Democracia** e **Cabrião**, todos de enorme interesse para a história da cidade de São Paulo.

O artigo da professora Ana Maria Camargo me surpreendeu, pois confesso não imaginava fossem tantos os jornais e periódicos em geral já reimpressos em forma de livros. Mas me parece estranho que se não tenha pensado, ainda, na reedição de dois importantíssimos periódicos: o jornal de Hipólito da Costa (**Correio Braziliense**), editado em Londres e de tanto interesse para a época da Independência, e o **Typhis Pernambucano**, o famoso jornal de Frei Caneca, talvez o primeiro jornal doutrinário a circular no Brasil. Ambos são significativos como reflexo da cultura brasileira do tempo. O governo de Pernambuco, bem como o da cidade do Recife, que editaram **O Progresso** e **O Carapuceiro** (este, em três belos volumes), bem poderiam lançar suas vistas para o **Typhis**. Há muitos anos dei esta sugestão ao professor Amaro Quintas, responsável pela reedição de **O Progresso**, mas infelizmente não tive a receptividade que esperava. Mas, creio, convém insistir. (8-8-1984.)

*

118. A OBRA DO CONDESTÁVEL D. PEDRO

Graças à amabilidade do senhor professor doutor Aureliano da Fonseca, da Faculdade de Medicina da Unicamp, tive oportunidade de travar conhecimento com importantíssima obra da historiografia portuguesa medieval, editada em Lisboa pela Fundação Calouste Gulbenkian sob a responsabilidade de seu filho, o também professor Luís

Alberto Adão da Fonseca, da Universidade do Porto. Trata-se das obras completas do Condestável D. Pedro, de Portugal, que viveu entre 1429 e 1466. Vida curta, de menos de quarenta anos, mas extremamente movimentada (e acidentada) numa das fases mais difíceis da história portuguesa, justamente o período em que a dinastia de Avis procurava firmar-se no trono para assegurar de vez a independência lusitana.

Foi o Condestável D. Pedro — diz o professor Fonseca — uma das personalidades mais interessantes do quatrocentismo peninsular, deixando uma obra que “se não vislumbra pela sua originalidade, não deixa, no entanto, de atrair enquanto expressão de cultura e da mentalidade peninsular dos finais da Idade Média”. Mais ainda: nele vê o professor Fonseca “a expressão inequívoca do impacto provocado pela transição dos tempos medievais para o Renascimento”. Tanto que nele coexistem elementos díspares: à parte duma mundividência tradicional, na qual o Cristianismo e os valores étnicos predominam, encontra-se uma enorme sensibilidade estética que nos sugere a antevisão do homem do Renascimento.

Para maior organicidade, foi a obra do Condestável dividida em quatro grupos, correspondendo cada um a textos que, pelo tema ou pela época em que foram escritos, constituem unidades distintas: 1. Obras maiores; 2. Obra poética; 3. Produção epistolográfica; e finalmente as cartas escritas da Catalunha, nos seus dois últimos anos de vida.

O que impressiona no belo volume de mais de quatrocentas páginas elaborado pelo ilustre professor portuense é o cuidado na pesquisa e na investigação para apostilar o texto do Condestável numa realização diplomática do mais alto valor como poucas vezes temos visto. A notar-se ainda a qualidade da impressão e a riqueza das ilustrações reproduzindo fac-similarmente preciosos códices extraídos de dois manuscritos das obras de D. Pedro, sendo um a cores, da primeira folha do único manuscrito quatrocentista existente da **Tragédia da Insigne Rainha Dona Isabel**. Enfim, um trabalho que honra a historiografia e a diplomática portuguesas. (25-7-1984.)